

**ENTRE O ESTRUTURALISMO E A DESCONSTRUÇÃO:
UMA REFLEXÃO ACERCA DO PENSAMENTO DE JACQUES
DERRIDA EM *FORÇA E SIGNIFICAÇÃO***

BETWEEN STRUCTURALISM AND DECONSTRUCTION:
A REFLECTION ON THE THOUGHT OF JACQUES DERRIDA IN *FORCE AND SIGNIFICANCE*

*Edilamara Peixoto de Andrade*¹

RESUMO:

Trata-se, neste artigo, de uma análise do processo de desconstrução proposto por Jacques Derrida a partir do estabelecimento de um paralelo entre o pensamento do argelino e o estruturalismo apresentado por Victor Goldschmidt na obra *A religião de Platão*. Para o desenvolvimento do comentário utilizaremos os textos *A escritura e a diferença*, *Torres de Babel*, *O monolinguismo do outro* e *Força de lei*, com o objetivo de demonstrar como a desconstrução se dá na obra do filósofo da desconstrução. O texto se divide em três partes, abordando sucessivamente o embate entre o estruturalismo e a desconstrução, bem como o papel da linguagem para a desconstrução e as consequências do pensamento de Derrida para a produção filosófica.

Palavras-chave: Estruturalismo, Desconstrução, Linguagem, Derrida.

ABSTRACT:

This article is an analysis of the deconstruction process proposed by Jacques Derrida from establishing a parallel between the thinking of the Algerian and structuralism presented by Victor Goldschmidt in the work *The Plato's Religion*. To develop the review we will use the texts *Writing and Difference*, *Towers of Babel*, *The monolingualism of the other* and *Force of law*, in order to demonstrate how the deconstruction of give in the philosopher of deconstruction work. The text is divided into three parts, successively addressing the conflict between structuralism and deconstruction, the role of language for deconstruction and the consequences of Derrida's thought to the philosophical production.

Key words: Structuralism, Deconstruction, Language, Derrida.

Jacques Derrida, um dos principais nomes do pensamento da desconstrução nos apresenta no texto *Força e significação* uma maneira de pensar a filosofia e o fazer filosófico, distante do que é praticado na maioria dos espaços acadêmicos, uma vez que aquilo que ele vem chamar de “invasão estruturalista”, ao que nos parece tem cada vez mais tomado conta desses espaços, legando o fazer filosófico a um superestruturalismo que compreende o texto como o espaço que abriga por si mesmo todo o sentido daquilo que está escrito, como se ele

¹ Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. E-mail: dila.andrade@live.com .

fosse capaz de carregar dentro de si tudo aquilo que podemos compreender acerca de um dado pensamento.

Nessa perspectiva, fazer filosofia parece significar fazer leitura estrutural, e apenas essa atividade consegue abrigar algum respeito nos espaços acadêmicos. De acordo com o pensamento estruturalista, o filósofo é aquele que é capaz de ler um texto e extrair dele todo o seu sentido, todos os significados que estão intrínsecos dentro dele. É como se a obra de arte fosse capaz de abrigar pelos seus traços, a totalidade do seu sentido, o que é recuperado apenas pela observação cuidadosa das linhas que a compõem.

Contra isso, o pensamento derridiano inova ao firmar a desconstrução enquanto método filosófico que rompe com o estruturalismo crescente nos departamentos de filosofia, conforme discutiremos adiante, a desconstrução inaugura uma forma de pensamento que rompe sobretudo com o colonialismo europeu e a imposição da forma de pensar ocidental, sobretudo francesa, com relação ao resto do mundo, uma vez que ela consiste no desmantelamento das estruturas do pensamento, colocando-se na abertura, no espaço da impossibilidade do dizer.

O texto que utilizaremos como pano de fundo para a nossa discussão é o capítulo *Força e significação*, que compõe a obra *A escritura e a diferença* publicada pela primeira vez em 1967. Esta é uma obra da juventude do filósofo, mas que já contém as principais marcas da escrita do argelino, sobretudo no que diz respeito à maneira de posicionar-se a partir do não-dito, movendo-se no espaço da aporia, o que será bem mais nítido em obras que o filósofo escreve na maturidade, como por exemplo *O monolinguismo do outro*, *Torres de Babel* e *Força de Lei*, que utilizaremos como exemplo da desconstrução proposta pelo filósofo, bem como da evolução do seu pensamento que inicialmente corresponde a uma leitura genealógica, da história da metáfora, em um segundo momento move-se no paradoxo até chegar à aporia, conforme veremos no desenvolvimento do texto.

Jacques Derrida divide o texto *força e significação* em duas partes, sendo que na parte *I*, o desconstrucionista começa falando do superestruturalismo presente nos espaços de produção filosófica, abordando a questão do vínculo entre platonismo e estruturalismo. Já na parte *II* o filósofo se debruça sobre dois exemplos que serão determinantes para a compreensão da sua forma de pensar, a saber: geométrico e performista. A partir desses exemplos, são pensadas as noções de força, espaço, tempo e movimento.

Dividiremos nosso texto em três partes, sendo que na primeira, trataremos da questão do *fazer filosofia ou fazer história da filosofia: estruturalismo x desconstrução*, tendo como objetivo discutir em que consiste a atividade filosófica na atualidade, fazendo um contraponto entre a proposta de estruturalismo Goldschmidt e a de desconstrução de Jacques Derrida. Na segunda parte do nosso texto, que se intitula *A linguagem e a desconstrução*, nela abordaremos o problema do sentido, perpassando também por uma teoria da tradução que nos ajudará a compreender a desconstrução enquanto ato de linguagem. Na terceira parte do nosso texto que se intitula *as consequências da desconstrução*, veremos que a libertação da linguagem proposta pela desconstrução possui consequências políticas, conforme veremos nessa parte do texto.

Fazer filosofia ou fazer história da filosofia: estruturalismo x desconstrução

Pensar o que é filosofia implica alguns questionamentos acerca do que é fazer filosofia e qual é, de fato, a atividade do filósofo. Acerca desses questionamentos nos reportaremos ao que afirma Victor Goldschmidt na obra *A religião de Platão*: “A filosofia é explicitação e discurso. Ela se explicita em movimentos sucessivos, no curso dos quais produz, abandona e ultrapassa teses ligadas umas às outras numa ordem por razões” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 140). A partir dessa afirmação, podemos pensar que a atividade filosófica consiste em explicitar aquilo que já está presente na obra, dessa forma, notamos que o filósofo terá a tarefa de trazer à luz aquilo que já está no texto, ele irá recriar os movimentos do texto, retirando todo seu sentido da sua estrutura.

Ao que nos parece, recriar os movimentos do autor no texto é a principal tarefa de quem se propõe a fazer filosofia, visto que na estrutura do texto já estão presentes as marcas e as impressões do seu autor. A obra em si é portadora de todo sentido, só resta ao filósofo descobrir esse sentido por meio de uma *leitura estrutural*. De modo geral, esse pensamento tem influenciado fortemente a produção dos departamentos de filosofia, sobretudo no Brasil, em que se produz filosofia a partir de uma história da filosofia que se desenvolve por uma tentativa de compreender, na estrutura, a totalidade dos aspectos que o compõem. Como afirma Goldschmidt (1963, p. 142):

A pesquisa em matéria de filosofia, não procede somente da verdade, mas faz corpo com ela. Assim, para compreender uma doutrina, não é suficiente separar a *léxis* da

crença, a regra da sua prática; é preciso após o autor, refazer os movimentos concretos, aplicando as regras e chegando a resultados que, não por causa do seu conteúdo material, mas em razão desses movimentos, se pretendem verdadeiros. Ora esses movimentos se apresentam na *obra escrita*.

De acordo com Goldschmidt o traço final da obra carrega consigo todas as características que são indispensáveis à sua compreensão, pois tais traços são o que ele chama de *movimentos do pensamento filosófico* que só são perceptíveis por meio de uma leitura também filosófica. É o *leitor filósofo* o responsável por explicitar tais movimentos. O *leitor filósofo*, também faz filosofia ao praticar a história da filosofia por meio da recriação dos sucessivos movimentos e das marcas do texto escrito.

Nessa perspectiva, percebemos que o sentido está preso a obra, sendo necessário um trabalho de descobrimento desse sentido que já está posto. Esse fazer filosófico do estruturalismo não deixa margem à uma atribuição de sentido que não seja o pensado pelo autor da obra que, por sua vez se imprime através dos traços daquilo que está escrito. É importante destacar, que para Goldschmidt (1963, p. 139) existem dois métodos para se interpretar um texto filosófico, o *dogmático* e o *genético*, sendo que o primeiro é considerado filosófico, pois busca a intenção do autor, conservando a intenção do seu autor, ao passo que o segundo é considerado científico, uma vez que busca as causas do pensamento e não meramente a intenção do seu autor.

Esse fazer filosófico que é tão comum nos espaços universitários suprime, da filosofia, a sua dimensão criadora. O filósofo é aquele que consegue produzir uma boa história da filosofia, que é na verdade aquilo que o espaço acadêmico espera que ele produza. Nessa perspectiva, a história da filosofia é também filosofia, embora não permita a criação ou o desenvolvimento de um pensamento que não esteja pautado na estrutura dos textos filosóficos. Temos dessa forma uma filosofia que é na verdade história da filosofia, contra a qual encontraremos no pensamento de Jacques Derrida um contraponto ao qual direcionaremos o nosso estudo a partir de agora.

A filosofia desenvolvida por Derrida não consiste em um uma história da filosofia que se daria a partir de uma leitura estrutural, mas em um processo inverso, o qual é chamado de desconstrução. Enquanto a estrutura é o objeto de trabalho do historiador, a não-estrutura é o espaço no qual o argelino se move. Estamos diante de uma forma de pensamento de rompe com o superestruturalismo dos departamentos de filosofia em busca de um novo sentido para a atividade do filósofo.

A desconstrução se move no espaço do indecível, é uma forma de linguagem que não se prende a uma estrutura ou a um conceito, mas se dá na fenda, na abertura. Enquanto os estruturalistas tentam recriar todo o sentido de uma obra a partir da sua estrutura, a desconstrução se desenvolve pela “destruição²” dos conceitos e das estruturas que enclausuram toda a construção filosófica e, ao mesmo tempo impede a filosofia de criar, de inovar ou construir um novo sentido aos conceitos que já existem. O estruturalismo aprisiona o sentido ao passo que a desconstrução o liberta.

Isso nos faz pensar o que Deleuze (2012, p. 76) escreve: “Mesmo a história da filosofia é inteiramente desinteressante se não se propuser a despertar um conceito adormecido, a relançá-lo numa nova cena, mesmo a preço de voltá-lo contra ele mesmo.”. Deleuze critica o sistema de produção de filosofia que impede o filósofo de criar, de inovar, pois a única coisa que lhe é permitida é fazer história da filosofia a partir de uma leitura estrutural, o que para ele não é filosofia, mas aquilo que há de menos interessante em sua produção, ou seja uma história que não permite a atualização do sentido, pois este já está fechado e imóvel dentro da estrutura do próprio texto.

A crítica de Deleuze à produção filosófica como mera história da filosofia ganha, em Derrida, uma nova forma de apresentar-se. Enquanto para o primeiro a filosofia consiste na arte de criar conceitos³, Para Derrida o espaço de produção filosófica é o da desconstrução. E quando falamos em desconstrução não nos referimos a uma demolição de uma estrutura para se produzir outra, mas na própria impossibilidade de se construir qualquer coisa depois dela, pois seu espaço não é um lugar, não tem corpo, não é palpável. Ela é a linguagem que se processa pela abertura do sentido, pelo impossível do próprio sentido.

De acordo com o pensamento do argelino, mais importante que recuperar a estrutura de um texto é destruí-la, é necessário o desmantelamento dos conceitos e das estruturas, o filósofo se manterá na aporia, e sua atividade não terá um corpo, uma regra, um espaço. Ele se moverá no *sendo*, em um espaço que nem é nem deixa de ser. O espaço da obra filosófica é o

² O termo destruição é próprio do pensamento que vamos chamar do jovem Derrida, ou seja das primeiras obras publicadas ainda na década de 1960, ao passo que nas obras de maturidade o termo que aparece com maior força é desconstrução, essa passagem, ao que nos parece, é resultado de um amadurecimento no próprio pensamento do Argelino.

³ Deleuze se dedica à ideia de filosofia enquanto arte de criar conceitos no texto *O que é filosofia?* No qual critica a tendência muito recorrente nos departamentos de filosofia, sobretudo de inspiração francesa, de encarar o fazer história da filosofia enquanto única atividade filosófica que merece receber o devido valor acadêmico. Não cabendo ao filósofo o poder de desenvolver uma atividade criadora, pois o valor da sua obra será avaliado conforme a sua capacidade de desenvolver uma história da filosofia coerente com a estrutura dos textos analisados.

espaço daquilo que está acontecendo, nesse exato momento em que a coisa nem é nem deixa de ser, e não da estrutura finalizada que já contenha tudo o que se necessita saber sobre o que se quer saber.

Observemos o que escreve Jacques Derrida em sua obra *A escritura e a diferença*:

Para aprender mais de perto a operação da imaginação criadora, é preciso portanto virarmo-nos para o invisível interior da liberdade poética. É preciso separarmo-nos para atingir na sua noite a origem cega da obra. Esta experiência de conversão que instaura o ato literário (escritura ou leitura) é de uma espécie tal que as próprias palavras separação e exílio, designando sempre uma ruptura e um caminho no interior do mundo, não conseguem manifestá-la diretamente, mas apenas indicá-la por uma metáfora, cuja genealogia mereceria por si só a totalidade da reflexão. (DERRIDA, 2014 pp. 8-9)

A partir da passagem transcrita podemos pensar em que consiste essa forma de pensamento a que chamamos desconstrução, bem como quais os seus objetivos e os modos em que ela se processa. A primeira característica que devemos observar, nesse sentido, diz respeito ao fato de que se trata de uma atividade criadora, e como fora observado anteriormente, nos espaços de produção filosófica não há a possibilidade de criação, visto que o que se pratica incessantemente nos departamentos de filosofia é uma história da filosofia que utiliza como instrumento de produção a leitura estrutural. Mas em que consiste este criar, esta atividade criadora em filosofia?

Antes de respondermos a esse questionamento, é importante destacar que enquanto o historiador se prende à estrutura do texto como a portadora de todo o sentido que ele possa carregar, o filósofo se distancia dele o máximo possível, pois nesse distanciamento, é possível ver o invisível que o texto comporta. Esse invisível é a criação, aquilo que ganha um novo sentido a cada leitura, a cada novo contato do filósofo com o texto.

Esta atividade criadora à qual Derrida se refere é a própria desconstrução, é a atividade que se desenvolve em um espaço que, como nos diz o argelino, consiste em “uma saída para fora do mundo, em direção a um lugar que nem é um *não-lugar* nem um outro mundo, nem uma utopia nem um *álibi*”. (DERRIDA, 2009, p. 8). Enquanto o estruturalismo busca no texto a reconstrução do sentido que o autor buscou imprimir na obra, a desconstrução se afasta da obra para que o seu sentido possa transparecer, ser recriado, já que ele não é estático, nem tampouco pertence a um autor ou a um texto.

Notemos que Derrida escreve sobre a genealogia da metáfora, esse é o recurso que o argelino utiliza nessa, que é considerada uma obra da juventude, para romper com a tradição estruturalista que ocupa os departamentos de filosofia, bem como a produção filosófica. Esse

modo de posicionar-se do argelino irá sofrer importantes modificações ao longo da sua produção. Conforme veremos adiante, parece haver uma evolução em seu pensamento, como veremos em *O monolinguismo do outro* no qual o autor se move no paradoxo e posteriormente em *Força de lei* veremos que já está traçado o espaço da aporia.

É importante destacar que a questão do sentido merece que nos demoremos mais um pouco nela, sobretudo porque enquanto o superestruturalismo arraigado nas universidades defende que ele está preso ao texto, a desconstrução nos revela que ele não pertence a um lugar nem a uma coisa, ele não é palpável, mas ao contrário é livre, é aberto ao acontecimento que se está sempre acontecendo no tempo presente, pois de acordo com Derrida tudo está se fazendo.

A linguagem e a desconstrução

Como dissemos anteriormente, o pensamento desenvolvido por Jacques Derrida rompe com o superestruturalismo⁴ que parece ter tomado conta de todos os espaços acadêmicos de produção filosófica, ao apresentar-se como uma maneira de fazer filosofia que consiste no *sendo*, no espaço da aporia. A desconstrução não produz conceitos nem tampouco determina o sentido dos objetos, ela é antes de tudo o indizível, a impossibilidade de afirmar, a abertura e a liberdade do sentido, a fenda.

Para pensarmos a desconstrução, é imprescindível que pensemos antes de tudo a linguagem em que ela se desenvolve, pois, a desconstrução é em si um ato de linguagem. Essa compreensão é importante para entendermos o pensamento do argelino, uma vez que para ele a linguagem não é um meio pelo qual as coisas se desenvolvem, mas a matéria de tal desenvolvimento. Tudo é linguagem e *não existe o fora do texto*⁵.

Sendo a linguagem o objeto da desconstrução, e não havendo a possibilidade de se produzir qualquer coisa após a desconstrução, vemos que a maneira que essa forma de

⁴ Trata-se da tendência de produção filosófica criticada por Derrida na obra *A escritura e a diferença*, que compreende a estrutura do texto como portadora de todos os movimentos que permitem a sua compreensão global. Como representante dessa forma de pensamento, podemos citar Victor Goldschmidt, conforme observado na primeira parte do nosso estudo.

⁵ É importante que tomemos cuidado para não confundir a afirmação do argelino com o superestruturalismo que ele critica, pois não se trata aqui de defender uma busca do sentido a partir de uma leitura estrutural como defende essa corrente, mas que a linguagem é o espaço natural de desenvolvimento da atividade filosófica. Dessa forma, a desconstrução não pode ser, senão um ato de linguagem.

pensamento encontra para se expressar é a *demora*, é se demorando sobre a coisa, embaraçando-se nela que a desconstrução se desenvolve.

Para ilustrarmos a importância da linguagem para o desenvolvimento do pensamento derridiano, nos reportaremos ao texto *Torres de Babel*, no qual o autor utiliza-se da metáfora da busca de uma língua universal, presente no texto bíblico da narrativa de Babel, para explicitar a linguagem enquanto objeto da desconstrução.

Observemos o que escreve o desconstrucionista no segundo parágrafo do seu texto:

A “torre de Babel” não configura apenas a multiplicidade irreduzível das línguas, ela exibe um não-acabamento, a impossibilidade de completar, de totalizar, de saturar, de acabar qualquer coisa que seria da ordem da edificação da construção arquitetural, do sistema e da arquitetônica. O que a multiplicidade de idiomas vai limitar não é apenas uma tradução “verdadeira”, uma entr’expression [entr’expression] transparente e adequada, mas também uma ordem estrutural, uma coerência do constructum. Existe aí (traduzamos) algo como um limite interno à formalização, uma incompletude da construtura [constructure]. Seria fácil e até certo ponto justificado ver-se aí a tradução de um sistema em desconstrução. (DERRIDA, 2002, p. 12)

Optamos por transcrever esse trecho do texto *Torres de Babel* porque ele é um bom exemplo para o que chamamos de desconstrução. Babel representa a impossibilidade de finalização, ela não é uma simples obra inacabada, mas também não pode ser acabada. A impossibilidade de finalização do projeto de Babel representa aqui o lugar do indizível, do intraduzível da desconstrução. Para sempre Babel será um não-lugar, o impossível e esse impossível que interessa à desconstrução.

Notemos que o impossível em Babel é a própria linguagem, é a multiplicidade das línguas que torna impossível qualquer tradução, que impossibilita a conclusão do projeto de babélico. É importante destacar, sobretudo que babel de desconstrói não por que existem várias línguas, mas por que em meio à multiplicidade se buscou a unidade, “Vamos! Edifiquemos uma cidade e uma torre cujo topo toque o céu, e nos façamos um nome, a fim de que não sejamos dispersados sobre a face da terra”⁶ (DERRIDA, 2002, p. 15). Babel nos faz pensar que o importante é a multiplicidade, a diferença, a unidade deve ser evitada pois ela põe fim à própria criação.

O trecho ora analisado também nos permite pensar o problema do sentido e do significado a partir da impossibilidade de uma tradução transparente e adequada para a multiplicidade das línguas de Babel. Notemos que para Derrida uma tradução nunca será

⁶ O texto transcrito faz parte da narrativa escrita por Louis Segond, na Bíblia Segond de 1910.

literal, ela nunca revelará o sentido original da obra, pois ela é uma atividade igualmente criadora. O tradutor é igualmente autor, a sua atividade é tão criadora quanto a de quem escreve o texto, assim parece-nos que não podemos falar em um sentido original da obra, pois ele se recria a cada nova tradução.

A multiplicidade dos sentidos é tão importante quanto à multiplicidade das línguas, a produção filosófica deve manter a diferença. É necessário romper com o projeto de colonização que impõe uma língua, um sentido e uma forma de pensamento. Esse rompimento implica uma teoria da tradução que para Derrida não consiste em uma transcrição de sentido original, visto que não há sentido original em um texto, pois sendo ele aberto, será recriado a cada leitura e a cada tradução.

A tradução não é a reescrita do original, ela não pode ser anulada pelo original. “Se existe entre texto traduzido e um texto traduzante uma relação de ‘original’ à versão, ela não poderia ser *representativa* ou *reprodutiva*. A tradução não é nem uma imagem nem uma cópia” (DERRIDA, 2002, p. 35). Essa noção é importante para que pensemos a abertura do sentido pela desconstrução. Não temos o sentido genuíno, o por recuperar ou por reproduzir, assim como não pode haver uma tradução pura que recrie a obra original⁷ como sendo uma cópia desta.

Derrida defende que é necessário se libertar da linguagem ocidental na qual a filosofia se desenvolve apenas ao se fazer história da filosofia, vejamos o que ele escreve no capítulo *Força e significação*⁸: “É preciso portanto tentar libertarmo-nos desta linguagem. (...) Mas resistir-lhe tanto quanto possível. É preciso em todo o caso não nos abandonarmos a ela com esse abandono que é hoje a má embriaguez do formalismo estruturalista mais complexo”. (DERRIDA, 2014 p. 38)

A compreensão desse pensamento implica que pensemos o contexto em que viveu o argelino, sobretudo se pensarmos que ele sendo judeu, vivenciou a perda da cidadania francesa, por decisão da França que suprimiu a cidadania francesa aos judeus da Argélia⁹. Derrida sentiu na pele um processo de colonização que lhe retira a propriedade da própria

⁷ Por original entendamos o texto traduzante, aquele que se oferece a tradução.

⁸ Trata-se do primeiro capítulo da obra *A escritura e a diferença*.

⁹ Durante a segunda Guerra mundial, inspirado por um sentimento antissemita crescente na Europa, a França edita várias leis contra os Judeus. Tanto na Argélia quanto na França Metropolitana, os judeus foram proibidos de exercer quaisquer funções públicas: não podiam mais trabalhar para o governo, lecionar (a não ser em escolas judaicas), servir ao exército, ou mesmo serem empregados por firmas que mantinham contratos com o governo. Derrida sentiu na pele essa supressão de direitos, a perda da própria cidadania, a qual havia sido recém conquistada pelos seus antepassados. (*Enciclopédia do Holocausto*. Disponível em <http://www.ushmm.org/wlc/ptbr/article.php?ModuleId=10007311>. Acesso em 01 de dezembro de 2015).

língua, conforme veremos adiante. Para alguém que está sofrendo a colonização só resta uma alternativa, romper com a linguagem que impõe tal colonização e essa linguagem perpassa pelo formalismo estruturalista dos departamentos de filosofia.

Esse rompimento ou resistência à linguagem no obriga a pensar o papel da crítica literária, que para o argelino deve dialogar com a escritura, é papel também da crítica organizar essa resistência, se fazendo uma filosofia literária, e não esperar que a filosofia organize tal resistência, que imponha uma forma metodológica. É preciso a partir desse diálogo que se promova a abertura da história, que a forma dialogue com o sentido, sem aprisiona-lo. Mantendo a *diferença*¹⁰, que para Derrida (2014, p. 39) “não pertence nem à forma nem à estrutura”.

Compreendendo a importância do pensamento da desconstrução para o rompimento com o estruturalismo colonialista que impede a criação filosófica, nos proporemos a seguir a analisar as consequências dessa forma de pensamento, tanto no âmbito da filosofia quanto da política, uma vez que vai interferir no direito e nas relações internacionais.

As consequências da desconstrução

Como já afirmamos anteriormente, parece haver uma evolução no pensamento do filósofo argelino Jacques Derrida, uma vez que em suas primeiras obras percebemos uma genealogia da metáfora, como é o caso de *A escritura e a diferença*, passando pelo paradoxo, que utilizaremos como exemplo o texto *O monolinguismo do outro*, até chegar à aporia na obra *Força de lei*. Na tentativa de exemplificar esse “processo evolutivo”, nos reportaremos agora ao exemplo de paradoxo.

Observemos a afirmação a seguir: “*não tenho senão uma língua, ora ela não é minha*” (DERRIDA, 1996, p. 15) vejamos que o argumento do autor consiste em um paradoxo, o possuir apenas uma língua que não é sua, a única coisa que lhe é dada a pertencer é a língua que por sua vez não lhe pertence, lhe é estrangeira, é a língua do outro. O francês, que sendo sua língua materna também lhe é estrangeira. Esse paradoxo nos permite perceber que o filósofo se coloca no espaço do impossível, o paradoxo entre o possuir aquilo que não

¹⁰ O termo diferença assume um importante papel no pensamento de Jacques Derrida, pois carrega consigo a noção de tradução, sentido e significado, podendo ser compreendido como as características heterogêneas que regem essas relações da linguagem.

lhe pertence representa esse impossível do sentido, o que seria inaceitável em um contexto ultraestruturalista, entretanto é o lugar privilegiado da desconstrução.

Essa experiência do impossível é a própria desconstrução. É o rompimento com a lógica colonialista da linguagem, é a negação da violência colonial. O paradoxo destrói as bases do pensamento estruturalista que é eminentemente colonizador, fazendo transparecer o indizível, revelando a violência escondida na linguagem, violência essa que necessita ser rompida, resistida e superada. Romper com a linguagem colonialista implica libertar-se do próprio colonialismo, do sofrimento colonial, e esse movimento só é possível devido ao emprego de uma nova forma de linguagem, a saber, a desconstrução.

Acerca dessa violência colonial, Derrida escreve:

Eis aquilo que, no fundo, deveríamos falar, aquilo de que não cessamos de falar, mesmo quando o fazemos por omissão. O silêncio deste traço de união não pacifica nada, nenhum tormento, nenhuma tortura. Nunca fará calar a sua memória. Poderá mesmo agravar o terror, as lesões e as feridas. Um traço de união nunca bastará para encobrir os protestos, os gritos de cólera ou de sofrimento, o barulho das lágrimas, dos aviões e das bombas. (1996, p. 24)

É possível perceber a partir do texto transcrito que o autor defende a multiplicidade, uma vez que não há como apagar as marcas da violência apenas por um simples traço de unidade. É necessário que se preserve a diferença, a diversidade, e a linguagem que conserva essa multiplicidade é a da desconstrução. Assim percebemos que é urgente o rompimento com uma lógica da linguagem que aprisione o sentido, que o prenda dentro dela, como é a linguagem utilizada na maioria dos departamentos de filosofia no qual se produz história. É necessário libertar a linguagem mantendo a *diferença*, o espaço de abertura do sentido.

A violência colonial apresenta-se de inúmeras formas na sociedade, mas sem dúvida a mais grave dela é a imposição de uma língua, de uma forma de linguagem como a única que merece o devido respeito. A unidade é a forma mais sutil e ao mesmo tempo mais violenta dessa violência, uma vez que ela anula a língua do outro e com ela anula o próprio outro. Quando Derrida afirma que não tem senão uma língua e ela não é sua ele se coloca como o ser que está diante de tal violência. A sua língua materna é a francesa, entretanto a própria cidadania francesa lhe fora suprimida. Ele se vê obrigado a se expressar em uma língua que não é sua, pois ao mesmo tempo em que lhe pertence é também a língua do outro. Só lhe resta mover-se no paradoxo entre o pertencer à língua e essa língua ser a do outro.

Com isso podemos retornar ao projeto de Babel, de construir um só nome, um só povo e uma só língua, essa unidade intentada pelo projeto babélico necessita ser superada, não

há como falar em unidade ou supremacia de uma só língua ou de um único sentido. Derrida busca a multiplicidade, a *diferença* em detrimento de um projeto de unidade que não vivencia a crise do sentido, acreditando ser possível recuperar o sentido primeiro de uma obra.

Após tratar do paradoxo, apresentaremos um exemplo de aporia contido na obra *força de lei*. É importante que nos debrucemos sobre esse exemplo porque ele nos fará compreender de forma mais clara o que significa mover-se a partir da desconstrução. Notemos que não se trata de uma simples destruição de um conceito ou de um modelo, em busca de um outro que o substitua, ou que o supere por alguma razão. A desconstrução não é uma etapa para a produção de alguma coisa, mas é o espaço da abertura do sentido, da demora, do embaraça-se com o objeto sem o estruturar ou o defini.

Observemos como exemplo de aporia a seguinte passagem:

Em suma, para que uma decisão seja justa e responsável, é preciso que, em seu momento próprio, se houver um, ela seja ao mesmo tempo regrada e sem regra, conservadora da lei e suficientemente destruidora ou suspensiva da lei para reinventá-la em cada caso. (DERRIDA, 2010, p. 44)

A aporia, que aqui analisaremos como a “terceira etapa¹¹” da desconstrução se caracteriza como a impossibilidade da regra. O regado e ao mesmo tempo sem regra é uma boa imagem para representarmos o *sendo*. Notemos que a lei está por construir-se, ao mesmo tempo que ela é ela não é. A regra está acontecendo, entretanto este acontecer nem é a realidade do ato nem o seu futuro, é aquilo que está se fazendo o tempo todo.

Imaginamos que seja difícil para um historiador da filosofia que está acostumado a lidar com um sentido estático do texto, no qual o tempo é o da própria obra, aceitar a ideia de que o sentido não está posto nas coisas, nem tampouco a estrutura, por ela mesma seja capaz de recriá-lo. Essa abertura semântica é mesmo impensável em um contexto de produção estruturalista. Dessa forma, isso parece nos explicar, pelo menos em parte, porque se faz tanta história da filosofia ¹² nos espaços universitários, não havendo espaço suficiente para uma criação filosófica que seja diferente da história.

A consequência dessa tendência à produção estruturalista é que o espaço de criação é relegado apenas ao fazer poético. Apenas a arte possui a liberdade de criar, de inovar, ao passo que à filosofia cabe reconhecer as estruturas e fazer história a partir delas. Como

¹¹ Optamos em dividir o pensamento de Derrida em etapas sucessivas apenas para fins didáticos, com o objetivo.

¹² Embora tenhamos optado por apresentar o termo história da filosofia como oposto à filosofia, é importante que observemos que também a história da filosofia é filosofia é filosofia. Produzimos filosofia no momento em que nos dedicamos a produzir uma boa história.

escreve Derrida (2014, p. 15) “este poder revelador da verdadeira linguagem literária como poesia é na verdade o acesso à palavra livre, aquela que a palavra ‘ser’ (...) liberta das suas funções sinalizadoras”. Essa liberdade, ou seja, o *sendo* da poesia não é possível senão apenas no espaço da arte literária, não se estendendo a obra filosófica, na qual a liberdade cede lugar à estrutura, ao fechamento do sentido.

Considerações finais

Pensar a desconstrução não é uma tarefa simples, sobretudo porque implica compreender o que é esse movimento, bem como contra o que ele se lança e qual seja o seu objeto. Nessa perspectiva, percebemos que a desconstrução é um ato de linguagem e, como tal, carrega consigo várias questões de linguagem que necessitam ser explicitadas.

Percebemos que a desconstrução é uma forma de pensamento que se lança contra o estruturalismo presente nas universidades, e que direciona toda à produção filosófica ao fazer história da filosofia. Para Derrida, história da filosofia e filosofia são coisas distintas, não sendo possível tratar as duas como sendo a mesma coisa.

Como forma de pensamento que se posiciona contra o historicismo das universidades e dos departamentos de filosofia, Derrida apresenta a desconstrução como a possibilidade do impossível, do colocar-se no espaço da completa abertura do sentido, movendo-se na aporia. Essa atitude radical do desconstrucionista é a alternativa que ele encontra para superar a força de uma linguagem altamente colonizadora que busca uma unidade de sentido que é em si violenta, pois se trata de uma imposição de uma forma de ver o mundo própria do ocidente, contra os demais indivíduos que obrigatoriamente deverão curvar-se a essa estrutura.

Derrida, que sofreu na pele a violência colonial levada ao mais alto grau, pela supressão da cidadania francesa recém-adquirida durante a campanha nazista na Europa, percebe que somente pela desconstrução essa violência é superada, uma vez que a unidade, principal marca da colonização, dá lugar à multiplicidade, à diferença.

Optamos aqui por trazer exemplos de quatro obras do autor, com o objetivo de construir uma visão geral acerca do seu pensamento, observando que em épocas distintas, as marcas da sua escrita se conservam, embora os recursos que ele utiliza possam variar de acordo com a época e o objeto da própria obra, passando pela genealogia da metáfora, o

paradoxo e a aporia, ambos os recursos fundamentais para que pensemos a desconstrução e o modo de proceder do desconstrucionista.

Embora os exemplos sejam distintos, percebemos que as consequências deles são as mesmas: romper com uma ideia de superioridade de uma língua ou de um pensamento sobre o outro. A multiplicidade das línguas e a abertura semântica possuem uma importância inclusive política, uma vez que não permite a emancipação do pensamento, cuja tentativa de unidade sempre suprimiu. Impor uma língua como universal significa impor uma cultura em relação a outra, colocar um povo numa condição de destaque em relação a outro, ou seja, que um povo colonize outro. Romper com essa estrutura indica, mais que uma nova forma de pensamento, uma maneira de liberar os sujeitos da opressão da violência colonial.

Referências

DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *O que é filosofia?* Trad. Bento Prado Júnior. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 2012.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva, Pedro Leite Lopes e Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 2014.

_____. *Torres de Babel*. Trad. Junia Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

_____. *O monolinguismo do outro*. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das Letras, 1996.

_____. *Força de lei: o fundamento místico da autoridade*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GOLDSCHMIDT, Victor. *A religião de Platão*. Trad. Ieda e Osvaldo Porchat Pereira. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967.